



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

## Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História



Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

# Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Willian Douglas Guilherme

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-392-7

DOI 10.22533/at.ed.927202109

1. História – Pesquisa. 2. Historiografia. 3. História - Metodologia. I. Guilherme, Willian Douglas.

CDD 907.2

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

### Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

No e-book “Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História”, estão reunidos vinte e sete artigos que dialogam entre questões atualizadas e relevantes da pesquisa em história. São quatro grupos divididos por subtemas.

O primeiro grupo, do subtema “História, Educação e Metodologia”, são seis artigos que apresentam resultados em torno das instituições educacionais e debates educacionais no período imperial brasileiro, o papel da pesquisa (auto)biográfica, uma pesquisa que retrata particularidades do Exército brasileiro e propostas entre história e sala de aula.

O grupo dois, “Trabalho, Luta e Identidade”, são seis artigos, dentre eles, uma pesquisa que destaca o discurso do imperador japonês aos seus súditos justificando a rendição japonesa na segunda guerra mundial. Outros artigos destacam a luta operária e a construção de identidades numa interessante intriga historiográfica convidativa ao debate.

O grupo seguinte, “Cinema, Literatura e Arte”, são cinco artigos que trazem pesquisas atuais que entrelaçam história, cinema, arte e literatura. Este conjunto de pesquisas apontam para a pluralidade de possibilidades da pesquisa em história, vale a pena conferir.

Fecham o e-book, cinco artigos que dialogam sobre “Cidades e Particularidades”, trazendo informações das cidades de: Gramado/RS e a origem do turismo; Paraty/RJ de 1965 a 1920; o calçadão da Gameleira na cidade de Rio Branco/AC e; o cargo do Santo Ofício na Bahia.

Navegando pelo índice, com certeza, não menos que um, se não todos os subtemas lhe chamarão a atenção.

Aceite o prazer desta leitura!

Willian Douglas Guilherme  
Organizador

## SUMÁRIO

### HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E METODOLOGIA

#### **CAPÍTULO 1..... 1**

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UM DEBATE SOBRE AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NO MUNICÍPIO DA CORTE IMPERIAL BRASILEIRA

Diego Dias Salgado

**DOI 10.22533/at.ed.9272021091**

#### **CAPÍTULO 2..... 18**

O REPOSICIONAMENTO POLÍTICO DO BARÃO DE ABIAHY NOS DEBATES EDUCACIONAIS DO FIM DO IMPÉRIO

Suênya do Nascimento Costa

**DOI 10.22533/at.ed.9272021092**

#### **CAPÍTULO 3..... 28**

UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

Patrícia Simone de Araujo

Sônia Maria de Magalhães

**DOI 10.22533/at.ed.9272021093**

#### **CAPÍTULO 4..... 39**

A UTILIZAÇÃO DA HISTÓRIA ORAL COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ivan de Freitas Vasconcelos Junior

**DOI 10.22533/at.ed.9272021094**

#### **CAPÍTULO 5..... 46**

INSTITUIÇÃO ESCOLAR E A HISTÓRIA DO CONHECIMENTO SISTEMATIZADO

Paulo Augusto Tamanini

Gislânia Dias Soares

Ocimara Fernandes Negreiros Oliveira

Risalva Ferreira Nunes de Medeiros

Vanusa Maria Noronha Medeiros

**DOI 10.22533/at.ed.9272021095**

#### **CAPÍTULO 6..... 58**

O PENSAMENTO HISTÓRICO: SUBSÍDIOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA DE AULA

Fabricio Adriano

**DOI 10.22533/at.ed.9272021096**

## **TRABALHO, LUTA E IDENTIDADE**

### **CAPÍTULO 7..... 70**

A HONRA MESMO NA TERRA-ARRASADA: O ORGULHO JAPONÊS OBSERVADO NO ÉDITO IMPERIAL AO POVO DO JAPÃO PÓS SEGUNDA GUERRA MUNDIAL (1945)

Pedro Antonio Saraiva de Carvalho Pereira Francez

**DOI 10.22533/at.ed.9272021097**

### **CAPÍTULO 8..... 77**

A FORMAÇÃO PARA O TRABALHO DE MENINOS NEGROS NA ESCOLA CENTRAL DE MACEIÓ (1887-1893)

Marcondes dos Santos Lima

**DOI 10.22533/at.ed.9272021098**

### **CAPÍTULO 9..... 87**

DIREITOS TERRITORIAIS: AS LUTAS E AS “BATALHAS” EM BUSCA DE RECONHECIMENTO DE DIREITOS

Elisandra Cantanhede Ribeiro

**DOI 10.22533/at.ed.9272021099**

### **CAPÍTULO 10..... 97**

JACY, A OPERÁRIA: DEFENDENDO DIREITOS TRABALHISTAS. IMBITUVA/PR, 1966

Raiele Kollaritsch

Vania Vaz

**DOI 10.22533/at.ed.92720210910**

### **CAPÍTULO 11..... 109**

PROCESSO SOCIO-HISTÓRICO E O CONCEITO DE MODO DE PRODUÇÃO

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

**DOI 10.22533/at.ed.92720210911**

### **CAPÍTULO 12..... 121**

HERÓIS OU BANDIDOS? AS REPRESENTAÇÕES DAS MILÍCIAS NO RIO DE JANEIRO (2007-2010)

Michelle Airam da Costa Chaves

**DOI 10.22533/at.ed.92720210912**

### **CAPÍTULO 13..... 133**

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA INTOLERÂNCIA AO CIGANO: DO MITO DO SURGIMENTO DOS CIGANOS AOS MATERIAIS DIVULGADOS EM SALA DE AULA

Marcio Edovilson Arcas

Ademilson Batista Paes

**DOI 10.22533/at.ed.92720210913**

**CAPÍTULO 14..... 146**

O SERTÃO ENTRE O ANTIGO E O MODERNO? APONTAMENTOS DO TEMPO COMO REPRESENTAÇÃO COLETIVA E OS USOS DA SINCRONIA PARA A COMPLEXIFICAÇÃO DE SEU ENTENDIMENTO

Matheus de Araujo Martins Rosa

DOI 10.22533/at.ed.92720210914

**CAPÍTULO 15..... 156**

CONTEXTO PROFISSIONAL DO BAILARINO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Ana Lígia Trindade

Patrícia Kayser Vargas Mangan

DOI 10.22533/at.ed.92720210915

**CAPÍTULO 16..... 166**

DAS DANÇAS SACRAS E PROFANAS NO BRASIL COLONIAL: TRANSFORMAÇÕES, IDENTIDADES E APROPRIAÇÃO

Jéssica Viana Marques

João Balduino de Brito Neto

Mikaela Dantas Tavares

DOI 10.22533/at.ed.92720210916

**CAPÍTULO 17..... 173**

RESGATANDO VOZES E REMEMORANDO HISTÓRIAS: O LUGAR DE FALA ZAPATISTA NAS DECLARAÇÕES DA SELVA LACANDONA

Rodrigo de Moraes Guerra

DOI 10.22533/at.ed.92720210917

**CINEMA, LITERATURA E ARTE**

**CAPÍTULO 18..... 183**

A LITERATURA APOCALÍPTICA JUDAICA COMO EXPRESSÃO DE INTERCULTURALIDADE NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Harley Pereira Silva

DOI 10.22533/at.ed.92720210918

**CAPÍTULO 19..... 192**

OPERACIÓN MASACRE (1972) E O CINEMA DE INTERVENÇÃO POLÍTICA NA ARGENTINA

Mirela Bansi Machado

DOI 10.22533/at.ed.92720210919

**CAPÍTULO 20..... 201**

DISCURSOS LITERÁRIOS E CINEMATOGRAFICOS SOBRE O FEMININO: IDENTIDADE, FEMINISMO E REPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DO FILME “AS HORAS” (2002)

Natália Gomes da Silva Machado

DOI 10.22533/at.ed.92720210920

**CAPÍTULO 21.....217**

O FENÔMENO MIGRATÓRIO NAS OBRAS: O QUINZE, VIDAS SECAS E MORTE E VIDA SEVERINA

Aline Vieira Fernandes

Mayara Benevenuto Duarte

**DOI 10.22533/at.ed.92720210921**

**CAPÍTULO 22.....229**

“UMA SENHORA BRASILEIRA EM SEU LAR”: REPRESENTAÇÕES DE LEITORAS PELOS PINCÉIS DE DEBRET

Sílvia Rachi

**DOI 10.22533/at.ed.92720210922**

**CIDADES E PARTICULARIDADES**

**CAPÍTULO 23.....242**

“UMA VERDADEIRA SUIÇA BRASILEIRA”: ORIGENS DO TURISMO EM GRAMADO (RIO GRANDE DO SUL, SÉCULOS XIX-XX)

Eduardo da Silva Weber

Daniel Luciano Gevehr

**DOI 10.22533/at.ed.92720210923**

**CAPÍTULO 24.....255**

PROCESSOS NATURAIS E ANTRÓPICOS DE ALTERAÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE PARATY, BRASIL, 1965-2020

Rodrigo Zambrotti Pinaud

**DOI 10.22533/at.ed.92720210924**

**CAPÍTULO 25.....267**

O CALÇADÃO DA GAMELEIRA EM RIO BRANCO, ACRE: UMA LEITURA CRÍTICA À LUZ DOS CONCEITOS DE CESARE BRANDI

Pedro Augusto Queiroz de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.92720210925**

**CAPÍTULO 26.....279**

ITABAIANA: UMA ANÁLISE DOS EFEITOS DA CARÊNCIA DE CONSCIENTIZAÇÃO PATRIMONIAL COMO AMEAÇA À MEMÓRIA EDIFICADA

Nycole de Araújo Régis

Charles Andrade Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.92720210926**

**CAPÍTULO 27.....284**

O CARGO DE FAMILIAR DO SANTO OFÍCIO E AS HABILITAÇÕES INCOMPLETAS PARA BAHIA

Cleílton Chaga Bernardes

**DOI 10.22533/at.ed.92720210927**

<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>294</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>295</b>

# CAPÍTULO 3

## UM OLHAR SOBRE A PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

*Data de aceite: 01/09/2020*

### **Patrícia Simone de Araujo**

Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Curso de História Anápolis-Goiás.  
<http://lattes.cnpq.br/2162947422671612>

### **Sônia Maria de Magalhães**

Docente da Universidade Federal de Goiás (UFG). Faculdade de História Goiânia -Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/8841367325340262>

**RESUMO:** Este estudo tem como objetivo refletir sobre o trato metodológico nas pesquisas (auto)biográficas, tendo como eixo norteador de discussão a “verdade” histórica a partir do liame da História com a ficção. Para isso, a análise empreendida aqui recai sobretudo no exame dos binômios: objetividade/subjetividade, verdade/ficção e coletividade/indivíduo. Ao privilegiar a segunda “parte” dessas referidas ideias, que parecem se contrapor, a pesquisa autorreferencial é muitas vezes depreciada pelo conhecimento histórico. Ao convocar para o debate as contribuições maiormente de Loriga (1998, 2011), Dosse (2001), Schaff (1987), Ricoeur (1999) e Vilas-Boas (2014) é possível perceber que essas dualidades aparentemente divergentes, na realidade, se complementam, na pesquisa autorreferencial, em vez de se tornarem fatores que se contrapõem de maneira inflexível. Dessa forma, (auto)biografia por fomentar a reflexão dessas questões, demonstra

um campo de investigação fecundo e legítimo para a História.

**PALAVRAS-CHAVE:** pesquisa (auto)biográfica. Trato metodológico. “Verdade histórica”.

### **A LOOK AT BIOGRAPHIC (AUTO) RESEARCH IN THE CONSTRUCTION OF HISTORICAL KNOWLEDGE**

**ABSTRACT:** This study aims to reflect on the methodological treatment in (auto) biographical researches, having as a guideline for discussion the historical “truth” from the link between History and fiction. For this, the analysis undertaken here falls mainly on the examination of the binomials: objectivity/ subjectivity, truth/ fiction and collectivity/individual. By privileging the second “part” of these ideas that seem to oppose each other, self -referential research is often depreciated by historical knowledge. When summoning Loriga’s (1998, 2011), Dosse (2001), Schaff (1987), Ricoeur (1999) and Vilas-Boas (2014) contributions to the debate, it is possible to notice that these apparently divergent dualities, in reality, they complemente, in self -referential research, instead of becoming factors that are inflexibly opposed. In this way, (auto) biography for encouraging reflection on these issues, demonstrates a fruitful and legitimate field of investigation for History.

**KEYWORDS:** (auto) biographical research. Methodological treatment. “Historical truth”.

## 1 | INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo refletir sobre o trato metodológico nas pesquisas (auto)biográficas<sup>1</sup>. Para isso, tem-se como eixo norteador de discussão a “verdade” histórica a partir do liame da História com a ficção. Atualmente a (auto)biografia vem ganhando um espaço considerável nas pesquisas históricas. Logo, é pertinente problematizar questões importantes, como sua metodologia, que ainda não se encontra bem sedimentada dentro do referido campo de investigação. Provavelmente isso se deve ao fato, de que ela nem sempre foi valorizada pelo conhecimento histórico.

Houve um movimento de depreciação da História pela pesquisa (auto)biográfica com o advento da Modernidade, momento em que se observa a construção do legado cartesiano, que influenciou de forma significativa a maneira de pesquisar nas Ciências Sociais e Humanas. Com o método científico pautado na objetividade e na lógica causal, edificou-se uma matriz referencial de pesquisa que interferiu de maneira decisiva no modo de pesquisar nas diversas áreas do conhecimento. (DUSSEL, 2010) A História não fugiu às regras desse processo. A sua legitimação enquanto ciência levou os profissionais dessa área a produzirem uma forma de conhecimento cada vez mais centrada em si. No século XIX, vislumbrados pela possibilidade de institucionalização e profissionalização do campo, os pesquisadores buscaram solidificar-se cientificamente, em um processo que acabou por reduzir a História à metodologia da pesquisa. De acordo com o princípio da metodização, que sistematizava e ampliava os fundamentos garantidores da suposta verdade, é que seria possível fornecer os subsídios adequados para transformar o pensamento histórico em ciência, de acordo com operações processuais empíricas.

Diante desse cenário, observa-se que a questão que sobreleva o menosprezo por esse gênero era cunhada em grande parte pela temática da verdade dos fatos. A fim de proporcionar um caráter fidedigno aos estudos históricos, considerava-se de máxima importância expurgar qualquer traço de ficcionalização de suas narrativas. Situada “num ponto médio entre ficção e realidade histórica” (DOSSE, 2009, p. 12), a biografia era considerada um obstáculo para a História constituir-se como ciência.

Contudo, será possível observar no decorrer da leitura desse estudo, que o vilipêndio da História para com a ficção é o que torna o gênero em questão tão envolvente. Sua hibridéz, dividida entre a “propensão ficcional e a ambição de relatar o real vivido” (DOSSE, 2009, p. 19) incita o desejo de fantasiar não somente a história de outro como também a própria, por isso a leitura desse tipo de escrita torna-se tão convidativa.

---

1. A (auto)biografia inclui uma gama diferenciada de escritos (diários, correspondências, confissões, memórias, biografias, autobiografias e outros) cujo liame é a produção de uma narrativa que versa sobre refletir sobre existência, normalmente a própria, a fim de lhe atribuir um sentido e identidade.

## 21 A(AUTO)BIOGRAFIA E A SUBJETIVIDADE

A aproximação da História com a ficção convoca ao debate a reflexão sobre a questão da verdade para se pensar o processo de análise e escrita das pesquisas (auto) biográficas. Logo, ainda há alguns biógrafos que acreditam no ilusório efeito da certeza de ter angariado o real por meio de sua investigação autorreferencial. Exemplo notório desse fato pode ser encontrado no livro *Olga*, de Fernando Morais, que versa sobre a vida de Olga Benário, quando o autor realiza a seguinte afirmação: “Este livro não é minha versão sobre a vida de Olga Benário ou sobre a revolução comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a *versão real* desses episódios”. (MORAIS apud VILAS-BOAS, 2014, p. 154, grifos do autor). Tal atestar de Fernando Morais já coloca uma questão, a da subjetividade, que não poderia deixar para o segundo plano, porque, como o próprio afirma, é ele quem acredita estar narrando a versão dos fatos. Há um sujeito que conhece e cria determinada realidade.

Conforme reconhece o próprio Adam Schaff, filósofo marxista que se dedicou com afinco a pensar a questão da verdade histórica, a tal objetividade pura, por meio da qual se pensava ser possível alçar a verdade dos fatos, tais quais aconteceram, é uma ficção, porque “o fator subjetivo é introduzido no conhecimento histórico pelo próprio fato da existência do sujeito que a conhece” (SCHAFF, 1987, p. 287). Em virtude disso, “o sujeito desempenha um papel ativo no conhecimento histórico, e a objetividade desse conhecimento contém sempre uma dose de subjetividade, se não conhecimento seria a-humano ou sobre humano.” (SCHAFF, 1987, p. 280).

Nas amarras de um estranho excesso de objetividade – legado de uma pretensa cientificidade positivista – que ainda se interpõe a algumas pesquisas de caráter (auto) biográfico, assiste-se a um emaranhado de estudos cuja coerência e a suposta fidedignidade narrativa se estabelecem no exacerbar da utilização de nomes, datas e lugares. Desvaloriza-se assim, ironicamente, a subjetividade, que é uma das características primordiais desse tipo de análise.

Para fornecer certa objetividade à investigação, muitos pesquisadores utilizam a reprodução cronológica - do nascer ao morrer - no ato de narrar uma vida. Interpõe-se um compromisso quase que obrigatório em narrar fielmente os fatos, “tais quais como aconteceram”. Esse acordo implícito é selado com uma enxurrada de explicações causais que a tudo atribui um sentido artificial entre a vida do/a autobiografado/a, as circunstâncias por ele/ela vividas e o meio social e temporal no qual está inserido/a. Tal narrativa cronológica auxilia a produzir o falso efeito de que é possível contar tudo sobre uma história existencial.

Para Vilas Boas (2014), como uma espécie de rito, as biografias começam por meio da narrativa sobre a descendência familiar com o intuito de descobrir a origem do indivíduo. Para ele isso é uma crença que leva, muitas vezes, à reconstrução da vida de uma pessoa de maneira linear-evolutiva, com um olhar uniaxial das causalidades. A tentativa de relatar todos os mínimos detalhes de uma vida acaba, na verdade, por não interpretar nada

de fato com profundidade. Há, muitas vezes, uma mera reprodução dos acontecimentos.

A impossibilidade de narrar a totalidade do vivido torna a seleção de temas que irão orientar a pesquisa uma alternativa viável a essa aporia. Em decorrência da complexidade do estudo (auto)biográfico, o recorte temático pode facilitar a análise, ao permitir estabelecer maior nível de interconexões entre as diversas Ciências Humanas – História, Psicologia, Sociologia, Antropologia e outras – para compreender determinado objeto e organizar as ideias de modo satisfatório.

A pesquisa (auto)biográfica ultrapassa qualquer espécie de tentativa de reprodução fidedigna de uma vida, pois ela é, antes de tudo, tal qual alerta Ricoeur (1999), um ato interpretativo. A primeira “etapa” da ação interpretativa é efetivada antes mesmo da apreciação de quem pratica a leitura da (auto)biografia. O ato criativo desse gênero já se encontra presente na própria constituição da escrita. Nesse processo, a imaginação é um fator crucial para a (re)criação de uma narrativa existencial, pois:

Narrar-se é antes de tudo um ato. Imagina-se a melhor “face”, a constrói-se no papel, a examina-se e a defende-se de todos os modos. Portanto, pode-se entender a escrita autobiográfica como uma ação de remontar-se no tempo proporcionada pela capacidade de imaginação, que possibilita com que novos mundos refaçam a compreensão e a imagem que o indivíduo tem de si. (ARAUJO, 2016, p. 30)

Nesse sentido, o sujeito escritor da própria história modifica: “[...] o estatuto da verdade, que não é mais entendida nesse tipo de registro, como a expressão “do que realmente aconteceu”. A verdade passa a constituir-se pela “sinceridade” do autor em relatar o que viu e apreendeu do mundo”. (ARAUJO, 2016, p. 25)

Para Calligaris (1998), a verdade factual, no ato da produção (auto)biográfica, não é um fator crucial. O intuito maior do autor desse tipo de redação “será escrever sobre sua própria “verdade”, colocando a sua subjetividade em primeiro plano no ato da escrita. A sinceridade do autor [...] tornar-se então, um valor hierarquicamente superior à verdade dos fatos”. (CALLIGARIS, 1998, p. 11)

Quando se busca um pouco mais de profundidade no pensamento de Calligaris sobre o estatuto da verdade na escrita autorreferencial, modificada para a questão da sinceridade, verifica-se que isso é estabelecido também como uma estratégia de convencimento, que possibilite enternecer outrem pela tentativa de exteriorizar o sentir por intermédio da escrita. É uma espécie de estratagem para fornecer maior veracidade ao seu testemunho. Como diria Lejeune (2008), é uma forma de firmar um pacto com o leitor, em que o autor da (auto)biografia pretende ser compreendido e, por que não, até defendido, pois na expressão mais vívida de um sentir conseguiu cativar um leitor, que pode se tornar uma espécie de cúmplice credor na veracidade fornecida pelo vivido transpassado para as folhas de papel.

De acordo com Vilas-Boas (2014), o autobiógrafo tem o objetivo de cativar o leitor, pois ele não está inteiramente fechado em si, está em volta de um mundo que precisa

conquistar pelo próprio testemunho. De certa forma, portanto, ele tem sempre uma meta, um intuito, pois é um ser humano, de carne e osso, que tece sua trajetória, na maioria das vezes, com tamanho zelo, cuidado, profundidade e delicadeza, que se assemelha à produção de uma obra de arte. Tudo isso é feito para conquistar o leitor para a sua verdade (VILAS-BOAS, 2014).

É necessário também salientar que, ao conceber a escrita (auto)biográfica como uma ação de interpretação, é pertinente repensar a expressão “dar voz”, usada por Michelet (1988), para atestar a importância de contar a “versão” do oprimido. Caminhando nesse mesmo sentido, os pesquisadores da escrita de si utilizam a referida expressão para justificar a importância de estudar determinado indivíduo que foi silenciado pela História por ser uma pessoa “comum”, no sentido de não ser ou ter sido uma figura notória no cenário político e/ou econômico.

É pertinente entender que não se pode “falar” no lugar de alguém, esteja vivo ou morto. Essa última condição torna-se ainda mais complicada. É bom evitar conceber o exame (auto)biográfico como uma espécie de ato de devolução à vida aos “mortos” por intermédio de uma escrita psicográfica. Caso pudesse realizar-se tal faceta, o “ressuscitado” possivelmente poderia estranhar e até não concordar com as conjecturas levantadas sobre sua vida pelo pesquisador.

A ausência do diálogo presente nas diversas análises historiográficas - muitas vezes ocasionada pela distância temporal entre o autor e o leitor - destaca a subjetividade como fator primordial ao ato interpretativo. O leitor (historiador) influenciado por sua época e seu contexto espacial é impulsionado por um intuito especialmente seu, que origina uma indagação que o “aflige/motiva” no seu presente (CERTEAU, 1982). É demasiado complicado ao pesquisador despir-se de suas intencionalidades. Estas, na verdade, de certa forma, acabam por auxiliá-lo a munir-se a interpretar a sua fonte com tamanha “originalidade”. Por sua vez, as conclusões dificilmente correspondem à ambição de escritor do documento estudado.

Ricoeur (1999) chama a atenção também para a não correspondência entre a intencionalidade de quem escreve e o entendimento do leitor, o que, na sua avaliação, não se configura totalmente algo ruim. Na realidade, é por causa desse fator que se traz a lume a semântica da palavra interpretação ligada à incessante possibilidade criativa de compreensão de um texto, o que pode torná-lo sempre atual e, por conseguinte, interessante, independentemente da época em que é apreciado.

A tentativa de reprodução “fidel” de uma obra ou da vida do autor anula o regozijar do vislumbrar dessas novas compreensões reconstruídas pelo olhar subjetivo do leitor. Tal intento naufraga quando se depara com a assertiva de Ricoeur ao explicar que “[e]n la interpretación, podría decirse, la lectura se convierte en algo **similar** al habla” (RICOEUR, 1999, p. 75, grifo meu). As teias de sentido produzidas pelo pesquisador nunca corresponderão igualmente a quem se (re)construiu por meio do traçado existencial no papel,

porque o efeito máximo que se pode criar é de verossimilhança. As novas compreensões de um texto, propiciadas pelas incessantes leituras, oportunizam que ele nunca se torne obsoleto. Desse modo, a interpretação de uma (auto)biografia é um ato de criação, no sentido de que auxilia no processo de não deixar que o transcurso temporal apague as marcas de uma existência. Isso perfaz um desejo implícito ou explícito mesmo do autor, de ser lido e permanecer eterno.

Embora a semântica de um texto contenha um aspecto dinâmico, que garante a atualização de uma narrativa por meio dos tempos, o processo compreensivo não é feito de qualquer maneira e/ou à revelia do investigador. Há que se ter claro que tal arte criativa “não significa, de modo algum, que possamos ou devamos inventar o que teve lugar” (LORIGA, 2011, p. 94). Embora a escrita histórica tenha em comum características da ficção, como a imaginação, a História “pretende ser sobretudo um discurso sobre a verdade, um discurso de representação de algo real, de um referente passado”. (RICOEUR apud DOSSE, 2001, p. 75)

A interpretação desse passado não pode ser feita de qualquer forma, há um crivo que deve ser levado em conta no processo de produção do conhecimento histórico. Como bem alerta Schaff (1987), o ponto de partida do conhecimento histórico é um aspecto social, embora seja impossível eliminar o fator subjetivo:

O sujeito que conhece, o historiador no nosso caso, está portanto dependendo das determinações sociais mais diversas, em função das quais introduz no conhecimento elementos de subjetividades, diversos: preconceitos, opiniões preconcebidas, predileções, fobias, os quais caracterizam sua atitude cognitiva. Mas o seu conhecimento é sobretudo função de outros fatores, igual determinados<sup>2</sup> socialmente, tais como: a sua visão da realidade social, ligada à teoria e ao sistema de valores que aceitou; o seu modo de articulação da realidade, articulação que o leva a construir, a partir de fragmentos, fatos significantes em um sistema de referência determinado; sua tendência para esta ou aquela seleção dos fatos históricos [...]. (SCHAFF, 1987, p. 290)

Em concordância com Schaff (1987), na acepção de Ricoeur (1999), por mais original que uma conclusão possa ser, é bom não desconsiderar as outras já existentes sobre a fonte e/ou temática estudada. No “universo acadêmico”, a necessidade de “aceitação dos pares” é um ponto crucial para a defesa de uma interpretação que se interpõe de diálogos intelectuais entre as conclusões de determinada pesquisa com as demais já existentes.

A transparência é um elemento de crivo essencial no gênero (auto)biográfico. É necessário que o público leitor dessa escrita tenha clareza dos caminhos utilizados pelo pesquisador. Além disso, é necessário deixar claro:

---

2. Embora Adam Schaff (1987) use em demasia a palavra determinismo, para falar da relação social frente à produção do conhecimento, pensa-se que, para este estudo, o uso do termo influenciado seja mais adequado.

Como sabemos o que sabemos? Quais são as nossas fontes? Que tanto sabem elas? Que preconceitos mostram? Existem relatos conflitantes? O que não sabemos? Chamamos isso de Regra da Transparência. Consideramos essa regra o mais importante elemento de criação de uma melhor disciplina de verificação... Trata-se do mesmo princípio que orienta o método científico: explicar como aprendemos uma coisa e porque nela acreditamos – de forma que o público possa fazer a mesma coisa. (KOVACH; ROSENTIEL apud VILAS-BOAS, 2014, p. 180)

Na (auto)biografia, por exemplo, há certos critérios que também não podem ser ignorados: a avaliação das características próprias do texto (forma e estilo de escrita, estruturação, códigos de linguagem, modos de rememorar que remontam a uma narrativa de memórias e silenciamentos, e outros), e há uma gama de pesquisas realizadas sobre o documento em teste que também devem ser apreciadas<sup>3</sup>.

Pode-se inferir, então na análise empreendida, que a objetividade e subjetividade não são elementos contraditórios, caso em que o investigador teria que optar por um ou outro, como fatores que se excluem. Pelo contrário! Ambas são complementares e necessárias para a produção do conhecimento científico.

### **3 | A (AUTO)BIOGRAFIA: A INTERLOCUÇÃO ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO**

O labor interpretativo do historiador que constrói as teias de significados interligados por uma narrativa deve sempre estar atento ao diálogo do indivíduo com a coletividade e vice-versa. O valor desse alerta se encontra no fato de que na apreciação (auto)biográfica não é recomendável “retirar” o autor do seu contexto e nem presumir o que é determinado por ele. Dessa forma, o “fato de se privilegiar a análise de uma trajetória de vida não implica a impossibilidade de retratar o contexto social geral no qual o indivíduo está inserido.” (SILVA, 2013, p. 266). Tal rigidez de oposição entre singular e coletivo mostra-se um entrave muitas vezes desnecessário.

Por muito tempo vigorou o pensamento de que o indivíduo não era considerado importante de ser estudado, pois era concebido como o reflexo do coletivo. As decisões do indivíduo, seu sentir e até a responsabilidade de suas ações não eram consideradas em si, mas somente enquanto fruto do determinismo e/ou condicionamento de estimulações exteriores. Tal tipo de processamento de pensamento é complicado, porque abstém do sujeito a própria capacidade pensante diante do mundo.

Ademais, uma realidade não é uma totalidade sem incoerências. Por mais bem organizada, coesa e “harmônica” que uma estrutura social possa parecer, esse fato não elimina a possibilidade de que um indivíduo destoe dela, porque uma pessoa tem liberdade de escolhas que podem dissonar da coletividade. Levi esclarece “[n]enhum

---

3. O processo de pesquisa (auto)biográfica, por óbvio, não é realizado necessariamente nessa ordem. A ordenação é apresentada dessa forma mais para efeito didático.

sistema normativo é, de fato, estruturado o bastante para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou de interpretação de regras, de negociação”. (LEVI apud DOSSE, 2009, p. 257)

Se a realidade macro pode mostrar-se complicada, a micro também não fica atrás. A compreensão histórica do elemento singular, centrado somente em si, fechado e autônomo, que se mostra “estranho” à configuração espaço-temporal em que está inserido, evidencia uma perda do sujeito enquanto ser histórico.

Ao mesmo tempo que o indivíduo carrega marcas dos valores e concepções de sua época, é também ator crítico dela. É pertinente refletir, quanto mais uma pessoa é alimentada pelo mundo, é também mais influenciada por ele, o que a torna um sujeito psíquico ativo, capaz de refletir em relação à interferência exterior. Isso é possível de ser realizado graças a inter-relações que o sujeito mantém com os outros, com a sociedade, com a natureza e consigo. Desse modo, “[o] indivíduo, esse ser sensível, é também fundamentalmente social e sociável: não é uma existência singular e isolada que é compreendida no conceito de ego, não é substância impermeável [...]” (LORIGA, 2011, p. 127). Presume-se, assim, que a uniformidade, a coerência e a harmonia total de alguém para com sua época são, muitas vezes, aparentes.

Conforme Vilas-Boas (2014), o labor da pesquisa (auto)biográfica exige uma série de exigências reflexivas em que opera “autorreflexividade, a autocrítica que exige a heterocrítica, o trabalho coletivo que exige o individual, e vice-versa, o singular contido no universal, e vice-versa e, como se não bastasse tudo isso, há ainda a possibilidade de expressar com fluência a subjetividade”. (VILAS-BOAS, 2014, p. 30)

Percebe-se, assim, que a investigação (auto)biográfica não anula as totalidades. Na verdade, convoca-as, mas sob o privilegiar de um ângulo singular, o particular. Isso, contudo, de forma alguma traz prejuízo ao conhecimento histórico. Na realidade, vislumbra-se a possibilidade de ampliar, de forma crítica, um leque de novos caminhos de pesquisas e olhares interpretativos, que permitem avanços sobre os estudos na História.

### **3.1 A biografia coral: uma via metodológica para se pensar a escrita autorreferencial**

Os estudos de Sabina Loriga são demasiado interessantes para se refletir sobre o trato metodológico do gênero (auto)biográfico. Embora um dos seus livros, *O pequeno X: da biografia à história* (2011), tenha galgado maior destaque, há um pequenino texto da referida pesquisadora, denominado *A biografia como problema*, no livro *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*, organizado por Jacques Revel (1998), que apresenta um conceito intrigante: o de biografia coral.

Embora o texto de Loriga (1998) aborde rapidamente a biografia coral, é interessante vislumbrar como a historiadora procura delineá-la, sempre um elemento de tensão entre o particular e o coletivo e não algo harmônico em que o indivíduo se encaixa de tal forma

na época e no meio ao qual está inserido. Nesse sentido, o sujeito não nasce para cumprir um destino manifesto desde o nascimento (ideia presente na hagiografia e no heroísmo), ao contrário, constrói a própria trajetória em conflito permanente com a realidade que se apresenta.

O elemento de tensão é observado na relação do indivíduo com a coletividade, como também para consigo. No primeiro caso, é pertinente salientar que, embora a *biografia coral* provenha da micro-história, essa abordagem não abandona as totalidades. Ou como diria Schmidt, “[t]al compreensão não coloca em xeque os pressupostos das narrativas totalizantes e estruturalistas, apenas refina seu olhar permitindo a encarnação de movimentos coletivos em percursos individuais” (SCHMIDT, 2014, p. 133). Dessa forma, na verdade, “estudando as microrrealidades, a *microhistória* (sic) não renuncia às vias da generalização, da globalização – ao contrário, busca-as”. (DOSSE, 2009, p. 257, grifos do autor).

Ao convocar, porém, essa aporia (a relação do micro com macro e vice-versa) da biografia, Loriga faz um alerta em relação ao procedimento de análise; ao usar a metáfora do “sanduíche”, a historiadora chama a atenção para que o pesquisador não empreenda um estudo feito em “camadas”, ou seja, “[...] um pouco de contexto, um pouco de existência individual e outra camada de contexto... O resultado desse trabalho cotidiano de censura é melancólico: o tempo histórico aparece como fundo de cena fixo, sem impressões digitais”. (LORIGA, 1998, p. 248)

A complexidade do exame (auto)biográfico incide no segundo ponto sobrelevado por Loriga. Ao elaborar a nomenclatura biografia coral, essa historiadora tenciona refletir sobre uma preocupação: a busca do pesquisador em atribuir uma unidade de sentido ao indivíduo. Logo, a fim de combater essa ideia, ela construiu a biografia coral. A semântica dessa abordagem remete ao coro, como expressão de diversos “eus”, que estão em um processo de tensão não só com seu tempo, mas igualmente com a multiplicidade de “eus” contidos nele.

Nesse sentido, muitas vezes, as pessoas que se lançam sobre a atividade de escrever sobre a própria vida transgridem qualquer ordem. Criam formas particulares de contar-se, com seus próprios jogos e chaves de (des)compreensão, convocam a ficção para criar novas faces de si, descompromissadas da verdade factual no sentido restrito do termo e desvinculadas da narrativa cronológica linear. Tudo isso possibilita a multiplicação da quantidade interpretativa de coros a que Loriga (1998) se refere.

Privilegiar somente uma análise, seja micro ou macro, pode, muitas vezes, provocar explicações simplistas, incapazes de abarcar a complexidade de tensões, confrontos e conformações do sujeito para consigo e/ou para com a sociedade. Para a realização dessa tarefa, a biografia coral mostra-se uma alternativa metodológica viável e satisfatória ao possibilitar refletir sobre esse campo de estudo, em um caminho oposto ao do jugo de uma história tradicional, linear e puramente factual. Também permite traçar um outro caminho

que inebria as biografias, ao se acreditar que pode alcançar a verdade absoluta sobre os fatos pela escrita autorreferencial.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que os binômios (objetividade/subjetividade, verdade/ficção e coletividade/indivíduo), não se mostram como uma aporia que invalida a (auto)biografia como um campo legítimo de investigação da História, por privilegiar a segunda “parte” dessas ideias que parecem se contrapor. O debate empreendido aqui possibilitou perceber que essas dualidades aparentemente divergentes, na realidade, se complementam, na pesquisa autorreferencial, em vez de se tornarem fatores que se contrapõem de maneira inflexível.

É pertinente entender que na realidade a investigação autorreferencial é significativa porque ela oportuniza o diálogo dessas aparentes dualidades, mas não para buscar revelar uma suposta verdade histórica. Parafraseando a historiadora Maria Teresa Cunha (2009), este estudo defende a importância da pesquisa (auto)biográfica, porque ela não procura a verdade de nosso passado, não a verdade do que fomos, mas sim, acima de tudo, a história do que somos.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Patrícia Simone de. **Um herói nas entrelinhas**: o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães (1880-1887). Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos Históricos**. CEPEDOC/FGV, v.11, n.21, Rio de Janeiro, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 251-279.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**: da história em migalhas ao resgate do sentido. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução Gilson César de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUSSEL, Enrique. Meditações anticartesianas sobre a origem do antidiscurso filosófico da modernidade. In: SANTOS, Boaventura de S. MENESES M. P. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 341-395.

LEJEUNE, Phillipe. **O pacto autobiográfico**: de Rosseau à internet. Jovita Maria G. Noronha (org.) Tradução de Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

\_\_\_\_\_. **O pequeno X**: da biografia à história. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MICHELET, Jules. **O povo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **Revista História**, Unesp-São Paulo, vol. 33, núm. 1, janeiro-junho, 2014, pp. 124-144. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=221031471008>. Acesso em: 18 de jun. de 2018.

SILVA, Luzia Gabriele Maia. A biografia e a busca por uma dimensão individual da história. **Revista hist. Historiogr.**, Ouro Preto, n. 12, agosto 2013, p. 265-271, 2013. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/567>. Acesso em: 02 jan. 2017.

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

RICOEUR, Paul. **Historia y narratividade**. Barcelona; Buenos Aires. México: Paidós, 1999.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adesismo 18  
Apocalipse 183, 184, 185, 186, 187  
Arquitetura Escolar 1, 5, 8, 16

### B

Bailarino 156, 159, 161, 162, 163, 164, 165  
Barão do Abiahy 18, 19  
Brasil Colonial 166, 172  
Brasil Império 18, 19

### C

Cesare Brandi 267, 268, 278  
Cinema 148, 159, 192, 193, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 214, 215, 251, 252, 275  
Cristãos-novos 284  
Cronologia 122, 146, 154, 155  
Cultura Cigana no Brasil 133

### D

Dança 141, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 172  
Descaracterização 279, 280, 281, 282  
Desenvolvimento 1, 3, 4, 7, 9, 13, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 88, 92, 93, 94, 95, 96, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 132, 139, 146, 152, 157, 158, 161, 164, 194, 197, 219, 222, 242, 243, 250, 251, 257, 259, 261, 263, 266, 289  
Direitos 65, 81, 87, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 124, 130, 131, 144, 177, 178, 212, 227, 260  
Disputas 21, 87, 180, 214, 263

### E

Escolarização 1, 3, 4, 8, 9, 11, 15, 63, 65, 77, 78, 82, 133, 237  
Experiência 13, 14, 35, 38, 45, 47, 58, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 79, 86, 90, 162, 172, 176, 184, 196, 205, 228, 268

### F

Formação 4, 5, 16, 20, 21, 22, 27, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 56, 60, 77, 81, 85, 86, 88, 90, 98, 109, 111, 112, 113, 117, 119, 144, 145, 147, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 174, 177,

197, 202, 213, 218, 230, 232, 237, 238, 241, 242, 243, 247, 252, 260, 271, 275

## **G**

Gênero 29, 31, 33, 35, 98, 107, 118, 165, 185, 186, 187, 189, 191, 196, 201, 202, 211, 230

## **H**

Hiroshima 70, 71, 74, 76

Honra 70, 74, 75, 177

## **I**

Identidade 15, 29, 41, 89, 90, 91, 94, 95, 96, 111, 135, 139, 140, 141, 156, 166, 168, 169, 170, 171, 176, 194, 195, 197, 201, 220, 226, 228, 242, 243, 245, 254, 280

Instituição Escolar 1, 11, 46, 47, 49, 50, 51

Intolerância 133, 134, 139, 142, 144, 269

## **J**

Jean-Baptiste Debret 229, 230, 231, 232, 239, 240

Judaísmo 183, 188, 191

## **L**

Lei do Ventre Livre 18, 20, 22, 24, 77, 79, 81, 82, 84, 85

Linguagem 34, 47, 165, 166, 169, 170, 197, 201, 203, 204, 206, 209, 214, 226, 228, 233, 234, 241, 268, 271, 273, 275, 276, 277

## **M**

Mata Atlântica 255, 258, 265

Memória 11, 12, 13, 14, 15, 17, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 50, 65, 69, 97, 98, 146, 147, 150, 155, 156, 169, 176, 194, 207, 229, 230, 232, 238, 240, 278, 279, 280

Migração 134, 217, 218, 221, 223, 228

Milícia 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131

Movimentos Sociais 65, 118, 173, 180, 182

Mulher 97, 100, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 136, 137, 141, 201, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 230, 287

## **N**

Nagasaki 70

Negros 55, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 141, 170, 171, 231, 232, 258

## P

Pensamento 19, 22, 23, 29, 31, 34, 41, 52, 54, 58, 64, 66, 68, 72, 86, 90, 98, 100, 141, 144, 174, 182, 186, 188, 198, 207, 210, 219, 228, 232, 269, 285

Peronismo 192, 193, 194, 195, 199, 200

Política 3, 9, 11, 12, 15, 18, 20, 21, 22, 24, 26, 27, 48, 52, 56, 88, 93, 95, 99, 101, 112, 113, 119, 120, 128, 129, 130, 131, 139, 143, 151, 155, 161, 168, 169, 172, 173, 175, 176, 180, 185, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 208, 219, 225, 232, 234, 235, 243, 248, 249, 250, 252, 253, 254, 265, 285

Produção 3, 5, 6, 8, 10, 16, 29, 31, 32, 33, 34, 39, 44, 49, 50, 54, 60, 65, 76, 99, 103, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 125, 128, 134, 162, 163, 175, 184, 189, 190, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 220, 231, 232, 235, 253, 255, 256, 257, 271, 272

Profano 166, 168, 169, 170

## Q

Quilombos 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96

## S

Sacro 166, 169, 263

Santo Ofício 284, 285, 286, 289, 292

Segunda Guerra Mundial 42, 43, 45, 70, 143

Sertão 146, 147, 151, 152, 155, 219, 224, 226, 245, 281

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 39, 44, 46, 47, 50, 52, 63, 65, 66, 70, 71, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 89, 91, 93, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 118, 119, 123, 128, 132, 144, 146, 147, 148, 150, 152, 154, 155, 159, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 175, 177, 178, 181, 191, 194, 197, 203, 208, 209, 211, 213, 214, 217, 219, 222, 223, 227, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 240, 241, 242, 250, 263, 266, 273, 274, 275, 283, 287, 288, 292

## T

Tempo 2, 3, 4, 9, 13, 14, 17, 20, 21, 25, 31, 34, 35, 36, 37, 44, 46, 47, 48, 49, 54, 55, 56, 60, 61, 66, 68, 69, 72, 73, 74, 81, 82, 83, 88, 89, 91, 98, 101, 103, 105, 106, 112, 113, 115, 118, 121, 122, 123, 125, 126, 131, 132, 134, 136, 138, 141, 145, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 159, 167, 168, 170, 171, 173, 175, 183, 184, 185, 195, 199, 202, 204, 205, 207, 209, 210, 211, 212, 222, 227, 231, 233, 235, 242, 243, 249, 252, 258, 260, 265, 266, 268, 269, 270, 273, 274, 280, 281, 286

Territórios 37, 76, 87, 89, 93, 94, 95, 174, 182

Transformação 63, 99, 149, 169, 185, 195, 199, 243, 255

Turismo 119, 242, 246, 250, 251, 252, 253, 255, 262

## **U**

Unidades de Conservação 255, 264

Urbanização 102, 143, 235, 242, 243, 250

## **V**

Verdade histórica 28, 30, 37

Violência 9, 91, 97, 116, 121, 126, 128, 130, 131, 132, 133, 136, 141, 143, 150, 155, 194, 197, 199, 260, 265

## **Z**

Zapatismo 173, 174

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Pluralidade de Temas e Aportes  
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Pluralidade de Temas e Aportes  
Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História